

DENTRO DO ÔNIBUS

Yago Barreto Bezerra

Amarelo, laranja, azul...
então estas são as cores do mundo...
há muito não me lembrava.
Como era sair de casa? Ver o mundo...
senti-lo... (ou achar que se sente).
Tenho agora a tola esperança
de que aos poucos deixarei
este estado anestésico. Esperança
é vã, eu sei; a minha, contudo,
talvez pudesse levar o nome
de “intuição”, ou “palpite”,
algo menor, menos pretencioso.
Minha barriga já doeu de tanto rir,
isto faz algum tempo —
por que não riria largo outra vez?
—, e ainda choro com programas de tevê;
talvez eu não esteja inteiramente perdido.
Acompanho o mundo passar
pela janela do ônibus. Não carrego
nenhuma grande dor em meu corpo,
nenhum grande episódio em meu passado.
O passado... faz tempo... ele me chega
como lampejos... de um filme,
de um rosto, de um filete de sol...
nada, contudo, muito próximo a mim.
Do meu lado, um jovem,
provavelmente um estudante,
com fones nos ouvidos. Deve estar

a escutar música; parece em outro mundo.
Que estaria a tocar em seu celular?
O último álbum da Lana Del Rey,
uma playlist anos oitenta?
Não o miro diretamente, porque hoje
esse gesto pode soar invasivo, ameaçador.
Porque posso deixá-lo desconfortável.
Essa imagem não me interessa contudo —
não me desperta nenhum grande sentimento,
ou potencial para um grande sentimento.
Volto à janela e à paisagem embaçada,
a mover-se. O amarelo, o laranja, o azul...
cores borradas; emoções dispersas,
que não chegam à boca.